



A razão do homem como certificadora da ciência

Alessandra Heinz¹

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo discutir a problemática da razão do homem na construção da ciência, verificando se ela pode ser um critério certificador da mesma. Para que este objetivo fosse alcançado, buscou-se apresentar algumas ideias apresentadas por Edmund Husserl sobre a crise das ciências, bem como mostrar como a Ciência Ontopsicológica pode dar uma solução sobre o problema de se ter um critério de verdade na produção do conhecimento. O trabalho caracteriza-se como um estudo teórico e pesquisa bibliográfica de cunho exploratório. Com base no estudo dos livros e textos pré-selecionados, constatou-se que o homem possui intrinsecamente um critério natural para discernir o verdadeiro do falso, mostrando ser a subjetividade humana um critério objetivo na produção do conhecimento e que a razão quando fundada nesse critério, pode ser um critério certificador de ciência.

Palavras-chave: Ontopsicologia; razão; consciência; ciência.

The reason of man as certification of science

Abstract: This study aimed to discuss the man because of the problems in the construction of science, making sure it can be a certification criterion of it. For this goal to be achieved, it sought to present some ideas presented by Edmund Husserl on the crisis of science and show how Ontopsychological Science can give a solution of the problem of having a criterion of truth in knowledge production. The work is characterized as a theoretical study and literature review of an exploratory nature. Based on the study of pre-selected books and texts, it was found that the man has an inherently natural criterion to discern the true from the false, showing that human subjectivity an objective criterion in knowledge production and that reason when founded this criterion may be a certification criterion science.

Keywords: Ontopsychology; reason; conscience; science.

¹E-mail: aleheinz@yahoo.com.br

1 Introdução

A busca pelo conhecimento parece ser algo intrínseco ao homem, mas ele mesmo dotado de inteligência, desconhece e não tem acesso a um critério que seja certificador dos seus próprios atos. Desde a formatação da ciência no modo do Positivismo, onde se adotaram critérios estáticos e externos, o homem tem se afastado cada vez mais da responsabilidade daquilo que faz, por não poder ter acesso verdadeiro ao objeto do seu conhecimento.

Sendo o homem o detentor e fazedor da ciência, faz-se necessário questionar se os métodos atuais realmente são garantias de uma ciência exata, não apenas no sentido matemático, mas exato, por mostrar resultados que tenham funcionalidade para a humanidade.

Esta pesquisa visa discutir se a razão do homem pode ser certificadora de ciência, no sentido de mostrar se é capaz de ser um instrumento válido na produção e organização da ciência, bem como verificar se a consciência mostra-se capaz de refletir a realidade, além disso, discutir se a subjetividade humana pode ser um critério objetivo de ciência.

2 Fundamentação Teórica

“Toda a demonstração científica necessita da razão na organização, análise e síntese dos dados” (VIDOR, 2014, p.77), funcionando como um instrumento do saber. Razão, do latim *ratio*, é definida por Antonio Meneghetti como “a faculdade de verificar o igual”. Nesse sentido o problema que se apresenta é se a razão conhece com exatidão ou não e sob qual critério essa razão se ampara na formalização do saber.

A palavra ciência deriva do latim *scio ens*: sei o ser. Não obstante, a Ciência Positivista, a partir do seu critério convencional está distante de tal concepção e o primeiro filósofo a expor tal argumento foi Edmund Husserl, em sua conferência sobre “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”, em 1935, conferências realizadas em Praga e em Viena, onde questiona qual o papel atribuído à ciência diante da crise, bem como o que a cientificidade geral poderia representar para a existência humana, denunciando como o homem moderno havia se deixado determinar pelas Ciências Positivistas, estando indiferente para as questões de uma humanidade legítima:

Na urgência da nossa vida – ouvimos – essa ciência nada nos tem a dizer. Ela exclui de um modo inicial, justamente as questões que, para os homens nos nossos desafortunados tempos, abandonados às mais fatídicas revoluções, são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda existência humana (HUSSERL, 2012, p. 3).

Husserl buscava principalmente mostrar que a ciência estava se posicionando contra o próprio homem, o que de fato se mostra ser o grande desafio enfrentado nos dias atuais, qual seja promover um equilíbrio entre a vida humana a os conhecimentos gerados pelo homem, pois há uma evidente desordem no social, uma crescente desvalorização da vida, o que segundo Vidor (2014) faz-se necessário que o homem possa abrir a consciência para compreensão de si mesmo, pois:

O homem construiu um conhecimento em que não se usa por inteiro, servindo-se de modo parcial e inadequado para conhecer o seu próprio íntimo, que é o ponto originário do saber humano verdadeiro (VIDOR, 2014, s/p).

Não se trata de negar que o Positivismo, através da produção da experiência concreta não produza um conhecimento de valor para o ser humano, no entanto, se exclui qualquer conhecimento que não baseie nos cinco sentidos, acaba por “decapitar a filosofia, que tem sua unidade na unidade do ser” (VIDOR, 2013, p.14).

Husserl (2012) denunciava o quanto à perda da crença numa filosofia universal, bem como o ceticismo frente à possibilidade de uma metafísica, que tinha como função ser condutora do novo homem, resultaria na perda da crença no próprio homem, na perda da razão conforme os antigos confrontavam a “*doxa*” à “*episteme*”:

É ela que a tudo aquilo que supostamente é, a todas as coisas, valores, fins, confere em última instância um sentido, um saber, a sua referência normativa àquilo que, desde os inícios da filosofia, era designado pela palavra verdade – verdade em si – e, correlativamente pela palavra *ente* – ὄντος ὄν (HUSSERL, 2012, p. 9).

Assim Husserl defende que para conseguir um conhecimento científico se faz necessário o nexos entre ser e saber, ou seja, não há como separar o conhecimento da forma original da vida humana (VIDOR, 2014).

Para fazer ciência é necessário um critério que sirva de base para dar legitimidade do saber. A palavra critério deriva do grego *krino* | κρίνω = eu julgo: “é a base para julgar, para distinguir, para fazer confrontos; o ponto ou a medida para fazer o igual” (MENEGETTI, 2010, p.145). Podemos apontar que existem dois critérios para fazer ciência, um critério convencional e o critério de natureza.

As ciências oficiais aceitam apenas o critério convencional o qual é constituído de regras estabelecidas por um grupo de pessoas. Assim, o conhecimento já parte de uma premissa, portanto: “não se busca o que é real, mas o que é conforme” (MENEGHETTI, 2010, p. 147). Ainda dentro dos parâmetros da cientificidade, o método exige que o observador seja isento perante o objeto, limitando apenas aos cinco sentidos as possibilidades de contato. No entanto, Vidor (2014) aponta que a consciência necessita captar qualquer informação registrada pelo corpo como garantia de uma objetividade autêntica, destacando que o corpo é objeto primordial das informações repassadas à consciência:

O homem, de fato, só conhece através das variações do próprio ser organísmico (= corpo + mente) e se ele não tem acesso às percepções registradas pelo próprio ser, seu conhecimento deixa de ser objetivo (VIDOR, 2014, p. 40).

Os problemas decorrentes de uma ciência não pautada no critério humano, mas em convenções científicas, conforme já anunciadas por Husserl no século passado, ainda se fazem atuais no momento atual e contemporâneo da ciência, em pleno século XXI. O método pelo método, a cientificidade pela cientificidade, tem afastado cada vez mais o homem da condução de uma ciência que seja pautada em critérios de um verdadeiro saber.

A solução apresentada por Husserl para condução de um fundamento que pudesse dar uma unidade entre as ciências é a *epoché*, do grego *εποχή*, que significa interromper, suspender o juízo, “procura-se a evidência direta e imediata como fundamento da verdade” (VIDOR, 201, p. 27). Assim, para além de quaisquer situações do mundo que nos cerca, das situações práticas, do mundo científico, o fundamento que dá evidência imediata, dispensando demonstrações e argumentações, está no fato de que eu sou o ser real da minha vida (VIDOR, 2013), ou seja, tudo pode ser colocado em dúvida, menos o fato de que Eu sou:

Na “*εποχή*” eu estou acima de tudo que reputo válido ou falso e necessito refletir sobre mim enquanto sujeito e enquanto base de tudo o que considero válido. Por isso não posso me furtar de examinar o eu que julga o eu enquanto eu, para quem o mundo e os homens são *fenômenos* (VIDOR, 2013, p. 28).

Com isso infere-se que o conhecimento acontece na subjetividade do homem, sendo ele o sujeito do seu próprio conhecer. E para que haja um conhecimento verdadeiro deve haver coincidência entre a intencionalidade do sujeito e a

intencionalidade do objeto: “Se o Ego e o objeto estão em nexos com o ser, o saber fica confirmado em seu valor” (VIDOR, 2013, p. 30). É esse Ego, esse *eu sou* que tem a função de lançar o valor do ser das coisas, fazendo distinção entre as coisas que lhe são próprias e das coisas do mundo que o cerca: “o ser da experiência do sujeito e o ser do experimentado estão unidos no valor do ser” (VIDOR, 2013, p. 31).

Husserl defendia a criação de uma psicologia capaz de promover a criação de uma “nova humanidade”, para ele esta ciência, que tem como objeto os fenômenos psíquicos, não poderia utilizar o método positivista, o qual seria totalmente inadequado a seu objeto. Para o filósofo era necessário que essa Psicologia fosse capaz de entrar no mundo da vida:

O mundo da vida é um domínio de evidências originárias. O dado evidente é, conforme o caso, experienciado na percepção como ele mesmo em presença imediata, ou na recordação como ele mesmo recordado, qualquer outro modo da intuição é uma presentificação dele mesmo; todo o conhecimento mediado pertencente a esta esfera, ou dito de modo lato: qualquer modo da indução tem o sentido de uma indução do intuível, de um possivelmente percepcionável como ele mesmo, ou de um recordável como tendo-sido percebido (HUSSERL, 2012, p. 104).

A partir desses pressupostos, a Ciência Ontopsicológica, surge para dar continuidade às questões apontadas por Husserl, uma vez que ele delega à nova psicologia a questão de encontrar um método que pudesse dar uma base concreta para fundar ciência. Ontopsicologia do grego *όντοσ*, genitivo do participio presente do verbo *είμί* (ser), *λόγος* (estudo), *ψυχή* (alma), significa o modo no qual a lógica do homem pode colher o ser (MENEGETTI, 2010), e a sua demonstração requer antes inserir-se em uma experiência epistêmica, que significa: “estar na raiz, no vivo, no em si do experimento; somente então colhe-se a evidência” (MENEGETTI, 2010, p. 31).

O critério formal que a Ontopsicologia descobriu para fazer ciência é o Em Si ôntico, que se difere do critério convencional por ter uma medida que ocorre por evidência, do latim *ex vidente*, que significa que a verdade nasce daquele que vê, ou seja, “nasce do primeiro princípio através do qual se existe” (MENEGETTI, 2010, p. 147). O Em si ôntico por definição é “o projeto de natureza que constitui o ser humano” (MENEGETTI, 2012, p. 84), sendo a primeira realidade da pessoa: “a realidade é mensurável semente a partir do quântico de realidade que o homem é” (MENEGETTI, 2010, p. 149). E é através desse critério que a Ontopsicologia possibilita ensinar a exatidão ao pesquisador:

Eu sei, porque existo, e o que vejo me pertence, é de algum modo íntimo à evidência que é autopôr-se daquele que vê. Dessa natureza do real, eu posso principiar a medida das projeções das minhas proporções, e nisso faço ciência (MENEGETTI, 2010, p. 149).

O homem pode fazer ciência porque possui de fato um critério que o possibilita distinguir o verdadeiro do falso, o que é conforme ou não dentro do campo de pesquisa, ou seja, o critério vai sempre estar presente no homem verdadeiro: “a luz que projeta o verdadeiro conhecimento humano é a identidade da vida humana” (VIDOR, 2014, p. 30). O homem, ao existir no mundo é já fenomenologia, portanto, esse critério pode ser considerado objetivo, porque ele é anterior a qualquer subjetividade “a vida já nos predispôs em um determinado modo. Trata-se de uma predisposição química, biológica, fisiológica, moral. Defino natureza essa imposição formal no corpo. É um fato anterior a mim” (MENEGETTI, 2010, p. 148).

Porém, o homem para conhecer, utiliza a consciência para refletir, mas se essa consciência estiver atrelada aos modos de ser da sociedade, ela não terá condições de revelar um conhecimento que seja de acordo com a identidade do próprio sujeito, porque o princípio que define a unidade entre o pesquisador e o objeto é o ser, ou seja: “Ser do sujeito e ser do objeto relacionam-se em interação ativa e encontra-se unidos e convergentes no ser” (VIDOR, 2014, p. 40).

A ciência convencional estabeleceu critérios de cientificidade, excluindo a subjetividade do pesquisador, no entanto, o homem de fato só pode conhecer se tiver acesso a variações registradas por todo o corpo, não apenas pelos cinco sentidos: “o homem de fato só conhece através das variações do próprio ser orgânico (= corpo + mente) e se ele não tem acesso a percepções registradas pelo próprio ser, seu conhecimento deixa de ser objetivo” (VIDOR, 2014, p. 40).

Por corpo entende-se qualquer variação biológica, química, orgânica, emotiva, pulsional (o coração, o fígado, o sexo, a sede, a fome, a agressividade, etc.) e qualquer pulso passa informação e uma ciência deve formalizar o conhecimento conforme a ação do próprio ser. Qualquer parte do corpo é um órgão de conhecimento, exatamente como o cérebro, cada uma das partes é especializada em colher a realidade em torno (VIDOR, 2014, p. 43).

Mas se o homem tem em sua essência a possibilidade de conhecer com exatidão, se isso é da sua natureza, é necessário revisar a consciência: “do latim *cum se scire actionem*: quando se sabe a ação” (MENEGETTI, 2010, p.58), esse espelho que é usado como instrumento para refletir as informações que provém do próprio íntimo, da

própria alma, pois ela perdeu a capacidade de compreensão das informações que a vida registra no corpo.

A Ontopsicologia considera que para dar um novo modelo para ciência, é necessário primeiro purificar a subjetividade do homem, porque é sempre ele de qualquer forma quem irá distinguir o objeto (MENEGHETTI, 2013, p. 35). Assim o homem pode fazer ciência somente por quanto existe no seu real, por quanto se identifica: “posso, portanto, certificar ciência por aquilo que me diz respeito e me é função” (MENEGHETTI, 2013, p. 41).

Disso decorre que qualquer ciência deve, em primeiro lugar, verificar quem é o homem operador dela, deve-se corrigir a consciência do pesquisador, autenticá-la de acordo com a sua inteligência originária, conforme o seu projeto de natureza. Essa capacidade de ser exato deve ser verificada pela Consultoria de Autenticação:

Para que a consciência consiga voltar seu olhar para si mesma, ela necessita de uma revisão, da psicoterapia. Mediante a psicoterapia, o indivíduo abre-se para perceber intenções latentes, que direcionam e pilotam a consciência, subordinando-a a esquemas fixos impróprios para resolver a vida (VIDOR, 2014, p. 65).

A Ciência Ontopsicológica afirma que “para objetivar com exatidão, o homem de ciência deve sair do mundo da objetividade e ser perene subjetividade” (MENEGHETTI, 2010, p. 142), possibilitando ao operador de qualquer campo de atuação, ser exato. Os critérios de exatidão do pesquisador definidos por essa ciência são cinco: 1) *Funcionalidade*: enquanto o sujeito corresponde a si mesmo mostra-se bem e funciona em evolução; 2) *Correspondência com o iso de natureza*: a consciência do sujeito é idêntica à intencionalidade de natureza, possibilitando a compreensão da linguagem das coisas; 3) *Univocidade entre as percepções do sujeito*: qualquer instrumento que o sujeito utilize para conhecer terá sempre idêntico resultado; 4) *Controle sobre o objetivo*: diante de qualquer situação ou contexto de dificuldade, muda a realidade em vantagem para si, sendo qualquer problema uma inspiração para sua a inteligência do pesquisador; 5) *Desaparecimento do sintoma*: além de não possuir qualquer distorção em âmbito somático ou neurótico, também fica isento do erro em âmbito da racionalidade psíquica (MENEGHETTI, 2010, p. 144).

Ao fazer ciência, portanto, há três passagens: primeiro temos a inteligência, ou o Em si ôntico; depois temos a consciência, que é a reflexão; e no terceiro momento temos a razão que é o instrumento que o pesquisador possui na organização e sintetização dos dados pesquisados (MENEGHETTI, 2011, p. 37). Assim, se a

consciência estiver autêntica/exata com a informação do real, refletindo as informações da inteligência do pesquisador, a razão poderá ser um instrumento eficaz na elaboração de um verdadeiro conhecimento.

3 Considerações Finais

A ciência convencional defende o uso da razão, mas é necessário verificar as articulações de como essa razão é utilizada como ferramenta na organização e sistematização do conhecimento. O problema crítico do conhecimento está no fato de que a razão para operar, necessita da consciência e se esta usa a lógica convencional na reflexão dos dados, essa razão não poderá fazer uma elaboração conforme a inteligência do sujeito, mas nos ditames da estereotipia convencional.

O critério para fazer ciência deve ser epistêmico, ou seja, deve estar baseado na inteligência do homem (Em Si ôntico). Quando a razão é conforme a esse critério, essa pode ser certificadora no exercício da ciência, pois a consciência vai refletir diretamente as informações que são reais.

Referências

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e fenomenologia transcendental**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Conhecimento ontológico e consciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Genoma Ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

VIDOR, A. **Opinião ou Ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.